

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS – UNIS / MG**  
**PEDAGOGIA**  
**VALQUIRIA DE SOUZA OLIVEIRA**

**SABERES PEDAGÓGICOS PARA DOCENTES NÃO LICENCIADOS**

**Varginha**  
**2015**

**VALQUIRIA DE SOUZA OLIVEIRA**

**SABERES PEDAGÓGICOS PARA DOCENTES NÃO LICENCIADOS**

Monografia apresentada ao Centro Universitário do Sul de Minas – Unis / MG, como parte integrante dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciada no Curso de Licenciatura em Pedagogia. Orientador (a): Prof<sup>a</sup>. Scheilla Guimarães de Oliveira.

**Varginha  
2015**

**VALQUIRIA DE SOUZA OLIVEIRA**

**SABERES PEDAGÓGICOS PARA DOCENTES NÃO LICENCIADOS**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia do Centro Universitário do Sul de Minas – Unis / MG, como pré-requisito para a obtenção do grau de Licenciada pela Banca Examinadora composta pelos membros:

Aprovado em 25/06/2015

---

Prof<sup>ª</sup>. Scheilla Guimarães de Oliveira

---

Prof<sup>ª</sup>. Gizelda Aparecida Pompeu Ferreira

---

Prof<sup>ª</sup>. Gisele Mendes Alves

OBS.:

A Deus, que por todos os dias sussurrou em meu ouvido: “Lembre da minha ordem: ‘Seja forte e corajoso! Não fique desanimado, nem tenha medo, porque eu, o Senhor, seu Deus, estarei com você em qualquer lugar para onde você for!’”.(Js 1:9)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me fazer forte e corajosa, além de me conceder sabedoria e perseverança para conquistar esta bênção. Ao Centro Universitário do Sul de Minas, que conta com ótimos docentes, proporcionando-me uma formação de qualidade. A professora Scheilla Guimarães de Oliveira, pela orientação, apoio e confiança. A minha mãe, *in memoriam*, que é minha base, e que pelo pouco tempo de convívio que tivemos, me impulsiona a sempre querer ser melhor. A minha família, pelo amor, incentivo e apoio incondicional. A todos que, direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível”.

Charles Chaplin

## RESUMO

Este trabalho aborda saberes pedagógicos para docentes não licenciados. Trata, especificamente, de alguns conhecimentos pedagógicos necessários aos docentes, sendo público-alvo docentes não licenciados. Estes possuem formação somente em área específica, não tendo noções de didática. Inicialmente será abordado sobre o que é Educação e um pouco do que é Didática. Em seguida é exposto saberes de ensino e aprendizagem, pois são questões-chaves que um docente necessita ter conhecimentos. Posteriormente o assunto formação docente é levantado com subtópicos, como relação professor-aluno e saberes pedagógicos. Por não ser um pré-requisito ter licenciatura ou pós-graduação em docência, muitos bachareis ministram aulas, possuindo somente o conteúdo teórico e/ou a prática na área da qual leciona. Como não possuem conhecimentos didáticos para executar sua atividade, esta possivelmente é desenvolvida de forma pouco efetiva. Foi realizada uma pesquisa de campo na instituição S.N.C. mostrando que estes docentes se deparam com dificuldades na relação professor-aluno, na direção de classe, na prática pedagógica efetiva e diversificada. Por isso, acredita-se que o estudo aprofundado sobre práticas pedagógicas fará a diferença para docentes não licenciados no processo ensino-aprendizagem e na atuação.

**Palavras-chave:** Saberes Pedagógicos. Docentes. Não licenciados.

## ***ABSTRACT***

This work deals with pedagogical knowledge to unlicensed teachers. It specifically of some pedagogical knowledge required for teachers, target audience being unlicensed teachers. These are trained only in specific area not having didactic notions. Initially it will be discussed on what is education and some of what is didactics. Next is exposed teaching knowledge and learning, as they are key questions that a teacher needs to have knowledge. Later the subject teacher education is raised with subtopics such as teacher-student relationship and pedagogical knowledge. Because it is not a prerequisite to have undergraduate or graduate degrees in teaching, many bachelors give classes, having only the theoretical content and / or practice in the area where he teaches. Since they have not didactic knowledge to perform their activity this is possibly developed ineffectively. A field survey was carried out in SNC institution showing that these teachers are faced with difficulties in the student-teacher ratio, class of direction, the effective and diverse pedagogical practice. Therefore, it is believed that the in-depth study of pedagogical practices will make a difference for unlicensed teachers in the teaching-learning process and performance.

***Keywords:*** Pedagogical knowledge. Teachers. Unlicensed.



## LISTA DE GRÁFICOS

|  |    |
|--|----|
| Gráfico 01 – Uso de recurso didático tecnológico .....                               | 33 |
| Gráfico 02 – Recurso didático tecnológico apontado pelos pesquisados .....           | 34 |
| Gráfico 03 – Prática pedagógica com utilização de pouco recurso .....                | 35 |
| Gráfico 04 – Formação em bacharelado e/ou curso técnico em uma área específica ..... | 37 |
| Gráfico 05 – Pesquisados que utilizam a técnica de aula expositiva dialogada .....   | 37 |
| Gráfico 06 – Técnica de trabalho em grupo .....                                      | 39 |
| Gráfico 07 – Recurso didático utilizado com maior frequência .....                   | 40 |

## SUMÁRIO

|            |   |           |
|------------|---|-----------|
| <b>1</b>   | <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                     | <b>10</b> |
| <b>2</b>   | <b>EDUCAÇÃO E DIDÁTICA: faces da mesma moeda .....</b>      | <b>12</b> |
| <b>2.1</b> | <b>Educação .....</b>                                       | <b>12</b> |
| <b>2.2</b> | <b>Didática .....</b>                                       | <b>13</b> |
| <b>3</b>   | <b>ENSINO E APRENDIZAGEM: questões indissociáveis .....</b> | <b>16</b> |
| <b>4</b>   | <b>FORMAÇÃO DOCENTE .....</b>                               | <b>20</b> |
| <b>4.1</b> | <b>Relação professor-aluno .....</b>                        | <b>22</b> |
| <b>4.2</b> | <b>Saberes pedagógicos .....</b>                            | <b>25</b> |
| 4.2.1      | Técnicas .....  | 26        |
| 4.2.1.1    | Aula expositiva .....                                       | 26        |
| 4.2.1.2    | Trabalho em grupo .....                                     | 27        |
| 4.2.1.3    | Estudo de caso .....  | 28        |
| 4.2.2      | Recursos .....  | 28        |
| 4.2.2.1    | Audiovisuais .....  | 28        |
| <b>5</b>   | <b>MATERIAL E MÉTODO .....</b>                              | <b>31</b> |
| <b>5.1</b> | <b>Resultado e discussão .....</b>                          | <b>32</b> |
| <b>6</b>   | <b>CONCLUSÃO .....</b>                                      | <b>41</b> |
|            | <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                    | <b>43</b> |
|            | <b>APÊNDICE A .....</b>                                     | <b>45</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais enfrentamos grandes dificuldades em questões educacionais. Para que o ensino aconteça efetivamente é preciso que o educando esteja disposto a aprender o que lhe é ensinado, como também o educador esteja interessado em compartilhar os saberes que possui seguindo o conteúdo e/ou ementa proposta. Nota-se que há grande desestimulação por parte dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem: dos educandos talvez por não visibilizarem o quão interessante é adquirir os mais diversos conhecimentos para que tornem-se pessoas críticas, podendo posicionar-se diante de variadas situações e dos docentes pelo baixo salário ou, o que muito se encontra, por falta de amor ao que faz. Educação exige amor e dedicação.

A didática não é uma receita de bolo que deve ser seguida criteriosamente em toda sala de aula para que não ocorram falhas. Esta nos oferece técnicas e métodos juntamente com diversos recursos didáticos para que a aprendizagem aconteça com maior facilidade. Cada turma é única, assim como cada aluno aprende de determinada forma, além de cada professor também carregar consigo as práticas e crenças que o formam como profissional.

Ministrar aulas na atualidade é um grande desafio a todos os professores mediante a tantos atrativos que a tecnologia proporciona. Desafio maior para aqueles que ministram aulas sem formação específica para tal. O fato de um administrador, por exemplo, dominar o assunto Gestão de Pessoas não significa que este está preparado para ensinar como trabalhar com Gestão de Pessoas. Por isso, esta pesquisa tem como público-alvo docentes não licenciados.

Saberes Pedagógicos para docentes não licenciados é uma pesquisa realizada através de leitura de obras de autores da educação, que refletiram sobre as práticas pedagógicas abordadas no ato de ensinar, como também pesquisa realizada in loco com o intuito de comprovar quão importante é o conhecimento de didática para todos os docentes.

Os objetivos dessa pesquisa partiram das explicações obtidas na disciplina de Didática, juntamente com a dificuldade que docentes não licenciados possuem no momento de compartilhar seus conhecimentos de maneira eficaz. Desta forma, o segundo capítulo aborda conceitos de educação sobre qual é o objeto de estudo da didática. No terceiro capítulo são propostas reflexões que o docente deve realizar e questionamentos rotineiros: o que? Por que? Como? Quando? e com que ensinar, visando apresentar a este público-alvo melhores condições de trabalho, facilitando a assimilação do que é ensinado aos educandos.

O profissional, enquanto professor, não deve querer somente que seu aluno veja o que ele vê, pois o ser humano é único e possui sua singularidade, daí a importância do respeito para com as decisões e valores do outro. Precisamos aceitar que o outro possui ideias e pensamentos diferentes dos nossos. O professor age na incerteza, pois lida diretamente com pessoas e estas são imprevisíveis, não tendo como prever qual será a reação da turma em relação a determinados conteúdos. Então, o que é ser professor? É ter cartas na manga, ter sempre um plano B. Se há o planejamento de uma aula utilizando o data show e o mesmo tem sua lâmpada queimada, o que fazer? Será que a utilização de somente um tipo de recurso é incentivador? Nota-se que muitos professores estão totalmente dependentes de determinados recursos. Se não o tiverem, não há possibilidade de ministrar aula? Diante desses questionamentos, no quarto capítulo será abordado a formação docente, contemplando o que prevê a lei, e, de forma sucinta, será abordado saberes pedagógicos.

Embasado em pesquisas bibliográficas o capítulo cinco traz o material e o método da pesquisa de campo, sendo o estudo dos saberes pedagógicos amplamente enriquecedor. Nesta pesquisa o foco foi algumas técnicas e recursos mais utilizados, porém muitas vezes de forma errônea. Essa forma errônea é abordada para propiciar reflexão e análise. O capítulo seis contempla resultado e a discussão.

## 2 EDUCAÇÃO E DIDÁTICA: faces da mesma moeda

Antes de iniciar qualquer estudo em relação a saberes pedagógicos para docentes não licenciados, são necessários conhecimentos relacionados ao que se referem à Educação e a Didática.

### 2.1 Educação

Ao falar em Educação abre-se um leque de opções. Esta não é somente sinônimo de escola. Trata-se de um constante ensinar-aprender inacabáveis, como nos relata Lya Luft (2007) em uma entrevista a revista *Veja*: “Educação é algo bem mais amplo do que escola. Começa em casa, [...]”. Varia-se desde a correção de uma mãe ao filho que pronuncia palavras erradas de acordo com sua língua, o que seria a educação informal, até o momento que a educação se sujeita a pedagogia, que consiste na educação formal, com seus métodos, regras, tempos estabelecidos e executores especializados. Portanto, a Educação aparece sempre que surgem formas sociais de condução e controle da aventura de ensinar e aprender. Podemos dizer que a educação está inserida em todos os momentos de nossas vidas, seja ela intencional ou não, pois constantemente aprendemos ao mesmo tempo em que ensinamos.

Vários conceitos são dados a Educação. Em um primeiro momento é pertinente abordar o conceito de Educação exposto no artigo 1º da Lei de nº 9.394, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, aprovada no dia 20 de dezembro de 1996: “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. (BRASIL, 1996, p. 1)

É perceptível que a lei aborda o conceito de Educação de forma ampla, abrangendo diversos contextos em que a mesma faz-se presente. Haidt relata em seu livro “Curso de didática Geral” a definição que o professor Walter Garcia (1976 apud HAIDT, 2002, p. 56) possui de educação:

‘a educação, seja ela escolar ou ‘do mundo’, é fenômeno que só ocorre em razão de um processo básico de interação entre pessoas. [...] Que a educação é processo eminentemente social julgamos desnecessário insistir, tal a evidência com que isto se manifesta. Aliás, poderíamos ir mais além, ao dizer que a educação existe exatamente porque o homem é um ser gregário<sup>1</sup> e que só se realiza como tal a partir do momento em que entra em relação com seu semelhante. Enquanto processo de

---

<sup>1</sup> Que vive em bando. (FERREIRA, 2010, p. 440)

formação humana, a educação é a única maneira pela qual é assegurada a continuidade da espécie, que assim consegue dominar a natureza e imprimir nela sua presença e sua maneira de ver o mundo<sup>2</sup>.

Se há existência e interação humanas, conseqüentemente, há educação, uma vez que esta está intimamente ligada a grupos sociais, dado que “[...], a interação humana tem uma função educativa, pois é convivendo com os seus semelhantes que o ser humano é educado e se educa”. (HAIDT, 2002, p. 57) Diante da visão de Haidt, constata-se que a educação nada mais é do que a interação dos seres, a troca de experiências.

Libâneo (1993, p. 17, grifo do autor) define a educação em sentido amplo, sendo aquela que “[...] compreende os processos formativos que ocorrem no meio social, nos quais os indivíduos estão envolvidos de modo necessário e inevitável pelo simples fato de existirem *socialmente*; [...]”. Portanto, simplesmente pelo fato do ser humano ser um ser social, este já está inserido no processo educativo de seu meio. Conhecimentos e costumes são passados de geração em geração. Em contrapartida, também define-se Educação em sentido estrito, ou seja, na escola, como aquela que “[...] ocorre em instituições específicas, escolares ou não, com finalidades explícitas de instrução e ensino mediante uma ação consciente, deliberada e planejada, embora sem separar-se daqueles processos formativos gerais”. Neste sentido, a educação já é vista como processo intencional possuindo objetivos a serem alcançados.

Não menos importante, porém pertinente, de acordo com o dicionário Aurélio Educação é “ato ou efeito de educar (se). Processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral do ser humano. Civilidade, polidez”. (FERREIRA, 2010, p. 334)

A Educação está incutida em todo nosso cotidiano, sendo ela intencional ou não. Sempre estamos educando ao mesmo tempo em que somos educados. Esta é uma relação de troca constante.

Intrínsecos a todos os docentes, veremos que ao docente não licenciado a Didática também possui um lugar de destaque.

## 2.2 Didática

Desde a Antiguidade práticas pedagógicas já eram aplicadas no ensino-aprendizagem, visando melhores formas de “transmitir” conhecimentos, porém um tanto quanto diferente dos dias atuais. Haidt (2002, p. 14, grifo do autor) relata que

---

<sup>2</sup> GARCIA, Walter Esteves. **Educação**: visão teórica e prática pedagógica. São Paulo, McGraw-Hill, 1975.p. 63.

da Antiguidade até o início do século XIX, predominou na prática escolar uma aprendizagem de tipo passivo e receptivo. Aprender era quase exclusivamente *memorizar*. Neste tipo de aprendizagem, a *compreensão* desempenhava um papel reduzido.

Portanto, “esta forma de ensino baseava-se na concepção de que o ser humano era semelhante a um pedaço de cera ou argila úmida que podia ser moldado à vontade” (HAIDT, 2002, p. 14), ou seja, totalmente desprovido de conhecimentos prévios.

O ensino de leitura e escrita eram feitos “por meio da repetição de exercícios graduados, [...]” (HAIDT, 2002, p. 14) nada além da exposição do conteúdo pelo conteúdo. Havia apenas o “depósito” de informações já prontas e acabadas na cabeça dos alunos, iniciando de conteúdos mais fáceis aos mais difíceis.

Como se tratava somente de mera repetição do aprendido “[...], o professor utilizava o procedimento de perguntas e respostas, tanto em sua forma oral como escrita” (HAIDT, 2002, p. 15) para que esta fosse feita de forma correta.

Muitos são os conhecimentos que adquirimos no decorrer de nossa existência por estarmos inseridos em processos de comunicação, a todo o momento, ensinamos e somos ensinados. Para podermos passá-los intencionalmente, de forma organizada e planejada precisamos da ciência voltada para o humano que visa ajudar e educar o homem. Essa ciência é a Didática.

O termo “Didática”, desde a Grécia antiga, “[...] é usado com referência a obras ou situações destinadas a ensinar” (CASTRO, 2001, p. 15) pretendendo ajudar alguém a aprender, sendo um ato intencional.

Não há como abordar a didática sem mencionar João Amós Comênio, considerado grande educador e pedagogo do século XVII, além de ser conhecido como Pai da Didática Moderna. Empenhou-se por toda a vida na elaboração de manuais para ensinar de forma mais rápida e segura, sendo sua principal obra Didática Magna. Sua abordagem sempre fora minuciosamente detalhada, esboçando passo a passo o procedimento a ser executado, como também a gradação das dificuldades e singularidades de aprendizagem dos alunos. Visava que o ponto de partida da aprendizagem é sempre do mais simples ao complexo, e defendia que a ação contribui de forma significativa para todo o processo, pois a aprendizagem de fato ocorre executando-a. (ARANHA, 2005)<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup>Jan Amos Komenský em latim, Comenius; em português, Comênio. Nascido em 28 de março de 1592, falecendo em 15 de Novembro de 1670 com 78 anos. Foi um professor, cientista e escritor checo, considerado o fundador da Didática Moderna. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Comenius>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

Para a formação docente a didática é uma disciplina que busca compreender o universo educacional propiciando ao professor nortes para sempre tentar tomar decisões assertivas, além de levá-lo a refletir sobre sua prática pedagógica e sobre os conteúdos que pretende ministrar. Conforme Sant’Anna e Menegolla (1991, p. 27) conceituam “a didática deve ajudar o professor a tomar sempre as melhores decisões” e tendo como objeto de estudo o processo de ensino esta, “[...] pretende orientar o agir do professor e do aluno na sua ação de ensinar, de educar e de aprender.” (SANT’ANNA; MENEGOLLA, 1991, p. 25) Libâneo (1993, p. 16) complementa “[...] que esta reúne em seu campo de conhecimentos objetivos e modos de ação pedagógica na escola”.

A didática não pode ser vista simplesmente como métodos e técnicas rígidas, que estabelece fórmulas para medir e quantificar os conhecimentos que os educandos adquiriram em um determinado espaço de tempo, nem tida como uma orientadora infalível que dará resultados imediatos claramente observáveis e mensuráveis. “Ela deve se pôr a serviço do educando como uma totalidade pessoal”. (SANT’ANNA; MENEGOLLA, 1991, p. 26) Sendo assim

a didática pode ser definida como a ‘capacidade de tomar decisões acertadas sobre *o que e como* ensinar, considerando *quem* são os alunos e *porque* o fazemos. Considerando ainda *quando e onde e com que* se ensina’. (CASTRO, 1974 apud SANT’ANNA; MENEGOLLA, 1991, p. 26, grifo do autor)

Tomar decisões, neste sentido, se torna uma habilidade indispensável ao professor, que precisa possuí-la e demonstrá-la para ensinar ao seu aluno.

Mediante breves conceitos mencionados se faz necessário entender um pouco sobre o universo do processo de ensino-aprendizagem, temas que serão abordados no próximo capítulo.



### 3 ENSINO E APRENDIZAGEM: questões indissociáveis

O ensino e a aprendizagem são processos didáticos básicos, assim, são conhecimentos indispensáveis ao docente, sendo estes, norteadores de sua prática.

Libâneo (1993, p. 23, grifo do autor) define que “o *ensino* corresponde a ações, meios e condições para a realização da instrução; [...]”. Sendo assim, o que ensinar? Questionamento muito comum entre os professores que cheios de conhecimentos, muitas vezes, não percebem o que é realmente necessário ensinar. Assim,

ensinar é uma realidade que pode ser interrogada e pesquisada não só pela percepção de atos visíveis em sua execução, em suas modalidades, seus sucessos e fracassos, mas também pela reflexão sobre o seu significado na formação da personalidade e suas consequências para a vida social. [...], a maior parte dos fracassos é atribuída ao aluno (‘não tem maturidade’, ‘sua inteligência é limitada’, ‘faltam-lhe as informações anteriores’), ao potencial de que dispõe como aprendiz e os sucessos, ao professor ou ao método. Mas é uma operação com muitas variáveis, umas pertencendo às condições cognitivas e afetivas do aluno, outras à atuação docente, aos recursos e métodos utilizados e mesmo a todo o contexto socioeconômico no qual se insere. (CASTRO, 2001, p. 20-21)

Neste sentido, o ensino deve proporcionar curiosidade ao educando, despertando o constante interesse em querer saber mais, além de aprofundar seus conhecimentos em determinado assunto,

[...] o ensino não deve se limitar ao que o aluno já sabe, mas que a partir deste conhecimento tem que conduzi-lo à aprendizagem de novos conhecimentos, ao domínio de novas habilidades e à melhora de comportamentos já existentes, pondo-o em situações que o obriguem a realizar um esforço de compreensão e trabalho. (ZABALA, 1998, p. 97)

Segundo Martins (2009, p. 63)

para desenvolver uma prática coerente, o professor necessita compreender que sua ação docente não é neutra, mas está baseada em determinada orientação teórica. Por exemplo, ao utilizar a aula expositiva, ele está partindo de uma concepção de homem ‘tábula rasa’, que depende do conhecimento que o professor tem e ele não, para se situar no mundo. A questão central é a aquisição de conteúdos. Já ao desenvolver seu ensino por meio de projetos, ele está partindo de uma concepção de que o homem é um ser em constante desenvolvimento, que precisa aprender o método de aprender para se situar no mundo. Nesse caso, a questão central é o método de aprender.

Para tal, “[...], é preciso que o professor faça uma escolha e saiba em que direção pretende caminhar”. (MARTINS, 2009, p. 63). (Confira Quadro 01).

Quadro 01 - Método de ensino em diferentes abordagens

| <b>Abordagem</b>                               | <b>Método</b>  |
|--|--|
| <b>Transmissão-assimilação</b>                 | Ênfase – transmissão de conteúdo<br>Questão central – aprender o <b>conteúdo</b><br>Centro do processo – <b>professor</b>                        |
| <b>Aprender a aprender</b>                     | Ênfase – redescoberta do conhecimento<br>Questão central – aprender o <b>método</b> de aprender<br>Centro do processo – <b>aluno</b>             |
| <b>Aprender a fazer</b>                        | Ênfase – obtenção de produtos específicos;<br>Questão central – aprender a <b>fazer</b><br>Centro do processo – <b>planejamento</b>              |
| <b>Sistematização coletiva do conhecimento</b> | Ênfase – práxis social<br>Questão central – <b>compreender/transformar</b><br>Centro do processo – <b>prática social</b> (de alunos e professor) |

Fonte: (MARTINS, 2009, p. 63, grifo do autor)

Por que ensinar? Ensinamos simplesmente por ensinar, tanto professores e pais de alunos quanto os próprios alunos não sabem claramente por que aprender determinado conteúdo. “Toda a ação didática deve estar diretamente relacionada com os objetivos, e a eficiência da ação educativa vai depender do conhecimento e da plena conscientização que as pessoas envolvidas no processo educativo têm dos objetivos propostos”. (SANT’ANNA; MENEGOLLA, 1991, p. 31)

Como ensinar? É preciso que os professores desprendam-se do pensamento de que: “aprendi assim, ensinarei da mesma forma”. Estudos comprovam que existem várias formas de aprender justamente por sermos seres únicos. Não existem métodos nem técnicas infalíveis, o que existem são aqueles que com maior eficácia promovem uma melhor aprendizagem, digamos mais facilitada, conforme Sant’Anna e Menegolla (1991, p. 33) contribuem: “os melhores métodos ou técnicas são aqueles que com mais eficiência promovem a melhor aprendizagem”.

Quando ensinar? Ensina-se desde o momento em que o indivíduo é inserido no meio social, ou seja, quando nasce. O ideal é que tenhamos como referência o interesse do aluno ou respeitar sua maturidade intelectual, psicológica ou motora, infelizmente às vezes isso não ocorre

[...], verifica-se que os alunos pouco ou nada aprenderam. O fato reforça a ideia de que a ação de ensinar é sobretudo uma intenção e indica que na maior parte das vezes há um longo caminho entre o propósito e sua realização. [...] procedimentos ditos *didáticos*, visando um encontro entre o ensinar e o aprender. (CASTRO, 2001, p. 15, grifo do autor)

Com que ensinar? “O ensino fundamenta-se na estimulação, que é favorecida por recursos didáticos que facilitam a aprendizagem”. (SANT’ANNA; MENEGOLLA, 1991, p. 35) Os meios e recursos para ensinar são muitos, auxiliando o professor. Sendo assim, o professor precisa estar atento à escolha destes recursos didáticos que visam facilitar a aprendizagem e não torná-la em algo monótono.

Ensinar é uma operação com muitas variáveis que deve ser minuciosamente verificada em sua totalidade, sendo quando há sucesso como quando há fracasso no ato educacional. Será que quando há fracasso escolar o único responsável é o aluno? Não seria viável o professor refletir sobre sua prática<sup>4</sup> e mudá-la para que o educando possa construir seus conhecimentos. O ato de ensinar, conforme já mencionado, não possui método ou técnica infalíveis e está intimamente correlacionado com a aprendizagem.

A aprendizagem é um processo dinâmico, que depende da atividade mental do educando e que se dá por meio da mobilização de seus esquemas de pensamento. Por isso, o ensino deve apelar para a atividade mental do aluno, levando-o a observar, manipular, perguntar, pesquisar, experimentar, trabalhar, construir, pensar e resolver situações problemáticas. (HAIDT, 2002, p. 31)

Assim, a aprendizagem esta presente em qualquer atividade humana praticada no ambiente em que o sujeito está inserido. As pessoas sempre estão aprendendo em suas diversas experiências de vida.

Libâneo (1993) classifica a aprendizagem em dois momentos: aprendizagem casual sendo aquela sem planejamento que ocorre de forma espontânea através da interação entre as pessoas e com o ambiente; e aprendizagem organizada que tem por objetivo aprender algo específico de forma planejada.

Haidt (2002, p. 144) contribui ao relatar que “a aprendizagem ocorre através do comportamento ativo do estudante: este aprende o que ele mesmo faz, [...]”, deste modo o aluno deve fazer parte ativamente do processo de aprendizagem.

Para aprender não basta que o aluno participe na definição dos objetivos e no planejamento das atividades se estes objetivos e atividades não representam, em primeiro lugar, desafios que o ajudem a avançar e, em segundo, se não são metas a seu alcance. (ZABALA, 1998, p. 97)

---

<sup>4</sup> Segundo Dewey (apud SANTOS, 2010, p. 31) “[...] o ato de pensar possibilita a ação com finalidade consciente, remetendo à ideia do professor reflexivo como aquele que a partir da reflexão coordena sua ação, [...]”. SANTOS, Maricéa do Sacramento. **Reflexões e prática de uma professora bem-sucedida**. 2010. 191f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2010. Disponível em: <<http://www.ufsj.edu.br/porta12-repositorio/File/mestradoeducacao/Dissertacao12Maricea.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2015.

Como também “[...] é indispensável que haja um clima e um ambiente adequados, constituídos por um marco de relações em que predominem a aceitação, a confiança, o respeito mútuo e a sinceridade”. (ZABALA, 1998, p. 100) Segundo Haidt (2002, p. 72) “a motivação é um fator fundamental para a aprendizagem”, pois um aluno desmotivado torna-se indisciplinado e uma forma de motivá-lo é envolvendo-o no processo, incentivando a participação ativa e efetiva do mesmo.

Complementa que

‘a autêntica motivação é, por excelência, o melhor recurso disciplinar, porquanto proporciona um forte condicionamento interior às atitudes e ao comportamento dos alunos, integrando-os na tarefa escolar em pauta. Ao aluno devidamente interessado e motivado não ocorrem as tentações da indisciplina; estas sobrevêm e o dominam quando ele está em disponibilidade mental, sem qualquer interesse que polarize sua atenção e lhe dê uma ocupação imediata em vista de um objetivo definido<sup>5</sup>. (MATTOS, 1970 apud HAIDT, 2002, p. 72-73)

Mas, afinal, o que significa aprender? “Aprender significa elaborar uma representação pessoal do conteúdo objeto da aprendizagem, fazê-lo seu, interiorizá-lo, integrá-lo nos próprios esquemas de conhecimento” (ZABALA, 1998, p. 98), ou seja, é necessário que o indivíduo aproprie-se do conhecimento.

Para que a aprendizagem ocorra de forma significativa é necessário

[...] ações conjuntas do professor e dos alunos pelas quais estes são estimulados a assimilar, consciente e ativamente, os conteúdos e os métodos, de assimilá-los com suas forças intelectuais próprias, bem como a aplicá-los, de forma independente e criativa, nas várias situações escolares e na vida prática. (LIBÂNEO, 1993, p. 78)

Como exposto, o processo de ensino é diferente do processo de aprendizagem, “[...], já que aprender é um processo que acontece no aluno e do qual o aluno é o agente essencial”. (BORDENAVE; PEREIRA, 2010, p. 38)

Libâneo (1993, p. 77) complementa com a seguinte definição: “a unidade ensino-aprendizagem se concretiza na interligação de dois momentos indissociáveis – transmissão/assimilação ativa de conhecimentos e habilidades, dentro de condições específicas de cada situação didática”.

Conhecimentos fundamentais sobre ensino e aprendizagem precisam ser significados na formação docente, o que será abordado a seguir.

---

<sup>5</sup>MATTOS, Luiz Alves de. **Sumário de Didática geral**. 9. ed. Rio de Janeiro: Aurora, 1970.p. 223.

#### 4 FORMAÇÃO DOCENTE

A formação do professor realiza-se em cursos de habilitação ao magistério a nível técnico, como também em cursos de nível superior titulados em licenciatura. A Lei nº 9.394, já citada anteriormente, traz em seu artigo de número 61 (BRASIL, 1996, p. 22)

a formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como fundamentos: a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço [...].

Segundo Libâneo (1993, p. 27, grifo do autor)

a formação do professor abrange, pois, duas dimensões: *a formação teórico-científica*, incluindo a formação acadêmica específica nas disciplinas em que o docente vai especializar-se e a formação pedagógica, que envolve os conhecimentos da Filosofia, Sociologia, História da Educação e da própria Pedagogia que contribuem para o esclarecimento do fenômeno educativo no contexto histórico social; *a formação técnico-prática* visando a preparação profissional específica para a docência, incluindo a Didática, as metodologias específicas das matérias, a Psicologia da Educação, a pesquisa educacional e outras.

Encontramos em algumas instituições sendo de educação básica, nível superior ou mesmo em ensino profissionalizante, docentes não licenciados ou despreparados para ministrar a disciplina que lecionam. Bárbara Ferreira Santos (2014, p. 1) relata em sua reportagem ao jornal “O Estado de São Paulo” que

mais da metade dos professores do País não possui licenciatura para dar aulas nas disciplinas que leciona nas últimas séries da educação básica. É o que mostra um levantamento da ONG Todos pela Educação para o Observatório do PNE (Plano Nacional da Educação), com dados do Censo Escolar de 2013. Nos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano), o índice chega a 67,5% e no ensino médio a 51,7%.

Segundo a gerente da área técnica do Todos pela Educação, Alejandra Meraz Velasco, esses números englobam os professores que não têm ensino superior, os que possuem apenas bacharelado e também os que têm licenciaturas, mas em áreas diferentes das quais lecionam. Ou seja, retratam desde o professor que acabou de ser alfabetizado e que repassa o seu conhecimento até aquele que é formado em História, mas dá aulas de Artes, por exemplo.

Estes possuem conhecimentos específicos para desenvolverem um ou alguns segmentos da profissão da qual se profissionalizaram, “[...] se formam [...] personalidades profissionais; [...] formador de mão-de-obra [...]” (BRUZZI, 2008, p. 21) fazendo-se

necessário a transposição didática<sup>6</sup> para que os conhecimentos necessários sejam compartilhados de acordo com o entendimento dos alunos. Por não possuírem conhecimentos específicos de docência como o profissional pedagogo que se prepara especificamente para a docência, estes profissionais se vêem perdidos mediante a como portar-se em sala de aula, como e quando abordar os conteúdos. O estudo da didática por esses seria necessário por esta se caracterizar “[...] como mediação entre as bases teóricas-científicas da educação escolar e a prática docente”. (LIBÂNEO, 1993, p. 28)

Diante desta circunstância é preciso que o professor não se deixe enaltecer pelos conhecimentos que possui, nem se permitir ser arrogante e autoritário, pois na verdade no processo educacional o que ocorre é a troca de conhecimentos entre professor e aluno.

A dialogicidade<sup>7</sup> do professor ajuda a instigar nas pessoas a curiosidade de adquirir novos conhecimentos, despertar o desejo de descobrir o novo, assim um dos papéis do professor não é tão somente o de “depositar” conhecimentos em seus alunos como nos relata Paulo Freire (1975 apud SANT’ANNA; MENEGOLLA, 1991, p. 119): “O papel do educador não é o de ‘encher’ o educando de ‘conhecimentos’, de ordem técnica ou não, mas sim o de proporcionar, através da relação dialógica educador-educando, educando-educador, a organização de um pensamento correto em ambos”.

O professor que questiona, que propicia ao aluno a pensar e estabelece um diálogo profundo com o mesmo o ajuda a consolidar melhor os conhecimentos necessários a serem adquiridos, além de torná-lo um ser mais crítico.

É importante que o professor constantemente exerça e instigue seus alunos a exercerem o método de conscientização, sendo que este é “[...] um método pedagógico que procura dar ao homem a oportunidade de re-descobrir-se através da retomada reflexiva do próprio processo em que vai ele se descobrindo, manifestando e configurando [...]”. (SANT’ANNA; MENEGOLLA, 1991, p. 119)

O educador tem cruciais papéis em seu ato de educar, pois ele não perpassa tão somente em orientação para que o indivíduo adquira conhecimentos, mas também precisa estimulá-lo aproveitando da curiosidade natural do ser humano. Haidt (2002, p. 57) relata claramente uma das funções que o professor desempenha:

<sup>6</sup> Passagem do saber científico para o saber escolar. POLIDORO, Lurdes de Fátima; STIGAR, Robson. **A transposição didática: a passagem do saber científico para o saber escolar.** 2010. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/index.php/notas/a-transposicao-didatica-a-passagem-do-saber-cientifico-para-o-saber-escolar/>>. Acesso em: 29. mar. 2015.

<sup>7</sup> Teoria Freiriana (Paulo Freire) que remete ao diálogo. ALMEIDA, Laura Isabel Marques Vasconcelos de. **Teoria Freiriana.** 2008. Disponível em: <<http://www.ice.edu.br/TNX/storage/webdisco/2008/12/19/outros/bad879e8d37e495bf4c18d9720689fb2.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2015.

cabe ao professor, durante sua intervenção em sala de aula e por meio de sua interação com a classe, ajudar o aluno a transformar sua curiosidade em esforço cognitivo e a passar de um conhecimento confuso, sincrético<sup>8</sup>, fragmentado, a um saber organizado e preciso.

“O domínio do conhecimento pelo professor em sua área de atuação é um dos pontos básicos de sua ação profissional [...]” sendo imprescindível este “[...], colocar-se em *estado permanente de aprendizagem* [...]”. (KENSKI, 2001, p. 98, grifo do autor)

É recomendável que os professores adotem condutas de aulas mais dinâmicas, possibilitando que o aluno participe de forma ativa de todo o processo que esta sendo submetido. Porém, também existem momentos que o professor precisa compartilhar com os alunos conteúdos necessários a serem abordados, para assim, terem suporte para poderem posicionar-se em relação. Esta vertente é uma relação de troca e para que esta ocorra, a relação professor-aluno é tópico imprescindível a ser abordado.

#### **4.1 Relação professor-aluno**

Enquanto professor, muitas vezes, o mesmo entende que a relação não é uma questão que mereça certa atenção. Esta precisa ser de total cooperação entre os envolvidos nesse processo. Para Zabala (1998, p. 89) “[...] a chave de todo ensino: as relações que se estabelecem entre os professores, os alunos e os conteúdos de aprendizagem”. A importância de estabelecer-se uma boa relação no ambiente escolar, principalmente em sala de aula, é fator determinante para que a aprendizagem seja de fato efetiva.

É sabido que o ser humano é um ser social e constantemente está inserido em grupos sociais. Com a educação não é diferente, para uma formação de qualidade é necessária a interação professor-aluno, conforme Haidt (2002, p. 55) nos relata:

a formação das crianças e dos jovens ocorre por meio de sua participação na rede de relações que constitui a dinâmica social. É convivendo com pessoas, [...], que a criança e o jovem assimilam conhecimentos e desenvolvem hábitos e atitudes de convívio social, como a cooperação e o respeito humano.

Portanto um grupo social é considerado um elemento essencial para a formação do indivíduo. Vale ressaltar que não somente é importante a relação professor-aluno, como

---

<sup>8</sup> Sistema que consiste em conciliar os princípios de várias doutrinas. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/sincr%C3%A9tico/>>. Acesso em: 26 abr. 2015.

também a relação aluno-aluno, pois aprender a conviver faz parte desse processo. Haidt (2002, p. 56) relata que

[...] é durante este convívio, isto é, são nesses momentos de interação, instantes compartilhados e vividos em conjunto, que o domínio afetivo se une à esfera cognitiva e o aluno age de forma integral, como realmente é, como um todo. Ou seja, ele age não só com a razão, mas também com os sentimentos e as emoções. Portanto, neste momento de interação, de convívio, de vida em conjunto, o aluno torna-se presente por inteiro, pois a razão e os sentimentos se unem, guiando seu comportamento.

É mediante a boa relação professor-aluno que “a elaboração do conhecimento exige o envolvimento pessoal, o tempo e o esforço dos alunos, assim como ajuda especializada, estímulos e afeto por parte dos professores e dos demais colegas”. (ZABALA, 1998, p. 97) Complementa que a

ajuda pedagógica ao processo de crescimento e construção do aluno para incentivar os progressos que experimenta e superar os obstáculos que encontra. Ajuda necessária, porque sem ela os alunos por si sós dificilmente conseguiriam aprender, e aprender o mais significativamente possível. (ZABALA, 1998, p. 97)

Enquanto estamos nos relacionando há, consciente ou inconscientemente, fatores educacionais envolvidos

[...] porque na aprendizagem intervêm numerosos aspectos do tipo afetivo e relacional, de maneira que o processo seguido e os resultados obtidos adquirem um papel definitivo na construção do conceito que se tem de si mesmo, na maneira de se ver e se avaliar e, em geral, no autoconceito. (ZABALA, 1998, p. 100)

Zabala (1998, p. 92, grifo do autor) aborda relações interativas que ajudam a facilitar a aprendizagem, sendo uma delas “planejar a atuação docente de uma maneira suficientemente flexível para permitir a *adaptação às necessidades dos alunos* em todo o processo de ensino/aprendizagem”. E complementa que é preciso ajudar os alunos “[...] a *encontrar sentido no que estão fazendo* para que conheçam o que têm que fazer, sintam que podem fazê-lo e que é interessante fazê-lo”.

Ao longo de toda a vida podemos esquecer os conteúdos que nos foram ensinados, porém jamais será esquecido o valor pedagógico das relações que tivemos nesse processo. Estas ficarão marcadas profundamente, pois é durante as relações que o indivíduo se desenvolve de forma integral.



O professor não deve agir como um extensionista que passa seus conhecimentos, assim sendo, sua ação é de pura transmissão, de puro depósito de informações. A ação recomendada é comunicadora implicando recíproco diálogo.

‘A comunicação implica uma reciprocidade que não pode ser rompida. Por isso, não é possível compreender o pensamento fora de sua dupla função: cognoscitiva e comunicativa. Comunicar é comunicar-se em torno do significado significante. Na comunicação não há sujeitos passivos. Os sujeitos co-intencionados ao objeto de seu pensar se comunicam seu conteúdo’. (FREIRE, 1975 apud SANT’ANNA; MENEGOLLA, 1991, p. 122)

A comunicação do professor precisa ser de forma clara e objetiva proporcionando ao aluno compreensão do que se fala já que “muitas vezes, os professores usam palavras que têm significado para eles, esperando que os estudantes conheçam o mundo interior do mestre”. (BERMAN, 1975 apud SANT’ANNA; MENEGOLLA, 1991, p. 123)

A relação professor-aluno é um dos saberes pedagógicos essenciais ao docente, pois “[...], na maior parte das vezes, não é tanto o componente curricular em si que interessa aos alunos, mas a pessoa que o ensina”. (HAIDT, 2002, p. 79)

Normalmente, quando se questiona os alunos sobre qual disciplina preferem, a resposta comum é aquela associada a qual o professor demonstra maior entusiasmo em ministrá-la, a que o professor demonstra verdadeira paixão pelos conhecimentos que compartilha ou aquela que o professor, por possuir verdadeiro domínio de conteúdo, repassa com maior facilidade e de forma acessível aos educandos. Contudo, quem normalmente consegue fazer isso é quem gosta do que faz, pois “o professor não pode motivar o aluno, pois este é um processo interno, mas pode sondar e aproveitar os motivos já latentes, despertando nele os interesses intrínsecos, que são a manifestação de um motivo”. (HAIDT, 2002, p. 77)

É importante acreditar no aluno e incentivá-lo, pois críticas destrutivas, colocadas em momentos errados, somente prejudicarão todo o processo. Nunca se sabe se de fato o aluno se esforçou e se o resultado foi o melhor que naquele momento ele podia produzir. “Todo o esforço bem-sucedido e como tal reconhecido pelo professor é altamente educativo e motivador”. (HAIDT, 2002, p. 78)

O incentivo deve ser contínuo para que em momento algum os alunos percam a produtividade. ‘A incentivação da aprendizagem não é apenas um passo preliminar do ciclo docente, mas uma constante que deve permear todo o processamento dos trabalhos escolares, [...]’. (MATTOS, 1970 apud HAIDT, 2002, p. 78)

Mattos (1970 apud HAIDT, 2002, p. 70) relata, embasado em pesquisa, procedimentos adotados por professores para orientar uma conduta satisfatória dos alunos, sendo eles: “[...]: em primeiro lugar, a conversa particular (franca e amistosa); em segundo lugar, o reconhecimento de que o aluno está progredindo; em terceiro lugar, o elogio público; e, em quarto lugar, a repreensão em particular”.

Portanto, muito da prática docente depende das relações entre professor e aluno.

A seguir, o tema saberes pedagógicos será contemplado para maior enriquecimento do desenvolvimento da prática docente.

## 4.2 Saberes pedagógicos

Gonçalves ([2002?], p. 210) parte de uma ideia bem geral em relação a saberes, ao relatar

[...] que profissionais, no exercício de suas funções, produzem saberes que, embora baseados nos conhecimentos aprendidos nos cursos de formação, nascem da prática e da experiência de vida. Esse tipo de aprendizagem ocorre com médicos, engenheiros, farmacêuticos, advogados, enfermeiros, assistentes sociais, terapeutas e professores, entre outros.

Turra, Enricone, Sant’Anna e André (1975 apud HAIDT, 2002, p. 143) consideram

[...] procedimentos de ensino as ‘ações, processos ou comportamentos planejados pelo professor, para colocar o aluno em contato direto com coisas, fatos ou fenômenos que lhes possibilitem modificar sua conduta, em função dos objetivos previstos’.

“Portanto, os procedimentos de ensino dizem respeito às formas de intervenção na sala de aula”. (HAIDT, 2002, p. 143) Complementa que

os *procedimentos de ensino* devem, [...], contribuir para que o aluno mobilize seus esquemas operatórios de pensamento e participe ativamente das experiências de aprendizagem, observando, lendo, escrevendo, experimentando, propondo hipóteses, solucionando problemas, comparando, classificando, ordenando, analisando, sintetizando etc. (HAIDT, 2002, p. 144, grifo do autor)

Nesta pesquisa serão apresentadas, de forma sucinta, algumas técnicas de ensino-aprendizagem que poderão auxiliar um pouco no desenvolvimento da ação docente para os não licenciados.

## 4.2.1 Técnicas

### 4.2.1.1 Aula expositiva

A aula expositiva é a técnica mais antiga e tradicional de ensino, sendo muito utilizada ainda nos dias atuais. Esta é pertinente e necessária por expor aos alunos o plano de ensino, solicitar a elaboração de algum trabalho, revisar algum conteúdo, despertar o interesse do educando por determinado assunto, apresentação de novos conteúdos, pois “o método expositivo consiste na apresentação oral de um tema, logicamente estruturado<sup>9</sup>”. (NÉRICI, 1987 apud HAIDT, 2002, p. 154)

Segundo Haidt (2002), esta exposição assume duas posições didáticas, sendo a exposição dogmática, que consiste em uma transmissão de conhecimentos que não pode ser questionada e sim apenas repetida; e a exposição aberta ou dialogada, sendo o oposto, a mensagem emitida pelo professor é um ponto de partida para a participação da classe possibilitando aulas mais dinâmicas envolvendo todos.

Os professores argumentam tanto que ministram aulas expositivas-dialogadas, mas será que isso é feito de forma realmente correta? Será que os docentes estão preparados? Será que são todos que estão preparados para serem questionados por seus alunos? Pois muitos ainda acreditam que o professor possui o monopólio do saber.

Para planejar uma aula expositiva, Balcells e Martin (1985 apud GODOY, 2003) sugerem nove pontos que devem ser levados em consideração. Como primeiro ponto, os autores apontam a necessidade do professor dominar a matéria, sendo uma exigência indispensável para que ocorra clareza da exposição. O segundo ponto aborda a importância do professor conhecer seus alunos para poder planejar uma aula efetiva, certificando-se que a turma já possui conhecimentos prévios sobre o assunto para que possam acompanhar a exposição que será realizada. Para cada aula expositiva, é necessário o planejamento da introdução, do desenvolvimento e da conclusão do assunto, sendo este o terceiro ponto sugerido. O quarto ponto é um complemento do anterior, pois propõe a definição exata do que o professor pretende dar a conhecer à classe, sua sequência e os pontos importantes a serem destacados. O quinto ponto atenta a necessidade do professor ser cauteloso em seus apontamentos para que a exposição não transforme em uma simples e enfadonha leitura do material preparado. Como sexto ponto destaca que o professor precisa ter foco em sua

---

<sup>9</sup> NÉRICI, Imídeo G. **Didática Geral Dinâmica**. São Paulo: Atlas, 1987.

atividade, principalmente com a comunicação oral, sendo que, sua voz deve ser de acordo com o tamanho da sala e a quantidade de alunos; a dicção de forma clara; a introdução de pausas é uma forma interessante de captar a atenção dos alunos, possibilita que organizem a informação recebida. A duração da aula é abordada como sétimo ponto sugerido, por tratar-se de uma técnica mais cansativa. Como não há regra pré-estabelecida do tempo recomendável, bom parâmetro é a percepção atenta do professor no que se refere à reação da turma. Como oitavo ponto está o uso de recursos audiovisuais, estes possuem o papel de auxiliar as atividades de ensino. Como último ponto, a sugestão é ao planejar uma aula verificar o que enfada e cansa o professor, pois certamente provocará as mesmas reações nos alunos.

#### 4.2.1.2 Trabalho em grupo

Trabalho em grupo, também chamado de trabalho em equipe é um “grupo de pessoas que juntas [...] se aplicam a uma tarefa ou trabalho”. (FERREIRA, 2010, p. 358)

Irene Carvalho (1973 apud HAIDT, 2002, p. 182)

[...] afirma que ‘o estudo dos grupos tem sido feito sobretudo pelos psicólogos sociais, a partir do fim da década de 30. Inspirados na Psicologia da Gestalt<sup>10</sup> e na teoria topológica de Kurt Lewin<sup>11</sup>, criaram um ramo novo, conhecido por dinâmica de grupo, o qual analisa a natureza dos grupos, as inter-relações de seus membros, as alterações que se processam em seu âmago, geradas por forças internas ou externas. Posteriormente, os educadores descobriram que este assunto também era relevante para a Pedagogia<sup>12</sup>’.

Haidt (2002) relata que em relação ao processo didático o trabalho em equipe possui como principais objetivos: facilitar a construção do conhecimento, como permitir a troca de ideias e possibilitar a prática de cooperação entre as pessoas em busca de um fim comum.

O trabalho em grupo possibilita certa contribuição para o desenvolvimento integral do indivíduo “[...], o aluno fala, ouve os companheiros, analisa, sintetiza e expõe ideias e opiniões, questiona, argumenta, justifica, avalia”. (HAIDT, 1980 apud HAIDT, 2002, p. 183)

<sup>10</sup> Na Gestalt o conceito de aprendizagem é atualização de potencialidades . O Conhecimento se produz porque existe no ser humano uma capacidade interna inata. Há uma super valorização da percepção como função básica para a aprendizagem. A teoria da Gestalt é conhecida como a aprendizagem por “insight”. PORTO, Humbera G. M. **Curso Normal Médio**: prática de ensino das áreas pedagógicas. Varginha: Unis, 2015. p. 12.

<sup>11</sup> A teoria de campo de Kurt Lewin é uma teoria da motivação que tem sua origem no pensamento da Gestalt. Devido a essa origem a teoria de Lewin dá muita importância à percepção individual, sendo assim uma teoria fenomenológica; isso significa que para Lewin mais importante do que a "realidade" para compreender o comportamento do indivíduo é a "percepção" que o indivíduo tem da realidade. Esta foi uma das primeiras teorias a ver o comportamento humano como resultado tanto de fatores da pessoa como de fatores do ambiente. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria\\_de\\_campo\\_de\\_Lewin](http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_de_campo_de_Lewin)>. Acesso em: 06 jun. 2015.

<sup>12</sup> CARVALHO, Irene Mello. **O processo didático**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1973. p. 214.

#### 4.2.1.3 Estudo de caso

O estudo de caso é uma técnica de ensino que consiste em apresentar situações reais aos alunos, dentro de assuntos estudados, para serem analisadas. É uma maneira de propiciar aos alunos aplicar situações práticas embasados em teoria. (HAIDT, 2002)

“Irene Carvalho diz que o estudo de casos ‘favorece a participação ativa, é muito dinâmico e estabelece excelentes correlações com o real, sendo portanto altamente motivador’”. (HAIDT, 2002, p. 196) Complementa que é um recurso que deve ser usado

[...] ‘sempre que, no ensino, seja preciso levar o aluno a compreender uma situação e a interpretar fatos, como fundamento para uma ação posterior. [...] Além de ter por objetivo incrementar a aprendizagem, torná-la mais viva e dinâmica, visa também à formação de boas atitudes de convívio social (capacidade de ouvir, habilidade em apresentar os próprios pontos de vista, respeito pelas opiniões alheias, aprender a discordar sem agressividade etc.’ (HAIDT, 2002, p. 196)

#### 4.2.2 Recursos

##### 4.2.2.1 Audiovisuais

###### Os materiais audiovisuais

*[...] são, do ponto de vista técnico, excelentes: boa qualidade das imagens nos filmes e dos desenhos. Os técnicos que os fizeram muito trabalharam para dar às suas produções uma apresentação agradável. Há, neste ponto, a nosso ver, um mal-entendido: a pesquisa feita para preparar estes materiais não deve visar apenas à obtenção de uma melhor qualidade técnica, mas igualmente deve obter uma real eficácia de impacto nas pessoas, ou, mais precisamente, é a preocupação pedagógica que deve conduzir o interesse artístico.* (MAGUEREZ, 1970 apud BORDENAVE; PEREIRA, 2010, p. 203, grifo do autor)

Existem momentos em que esse recurso é ponto chave para que uma aula atinja seu objetivo geral, porém “MUITOS PROFESSORES NÃO OS USAM QUANDO DEVERIAM USÁ-LOS” ou “[...] OS USAM MAL”. (BORDENAVE; PEREIRA, 2010, p. 203, grifo do autor)

Bordenave e Pereira (2010, p. 204, grifo do autor) exemplificam em seu livro “Estratégias de ensino-aprendizagem” alguns casos de professores que utilizam o recurso audiovisual de maneira errônea:

- O professor Alfredo tem o *hobby* da fotografia. Toda sua matéria, Botânica Sistemática, está na forma de *slides*. Os *slides* há muito tempo deixaram de despertar atenção e interesse em seus alunos. Estes comentam que mais da metade do curso de Alfredo transcorre no escuro, e muitos deles aproveitam as aulas para tirar uma ‘gostosa soneca’.

Conforme relato, o Professor Alfredo utiliza mal esse recurso “[...], por sua parte, entregou aos *slides* a tarefa de transmitir informação, esquecendo que esta tarefa é apenas um dos aspectos do ensino verdadeiro”. (BORDENAVE; PEREIRA, 2010, p. 204, grifo do autor)

Bordenave e Pereira (2010) intitulam este professor de culpado de ‘preguiça docente’, já que no passado teve o trabalho de preparar estes slides e acredita ser possível utilizá-los em todas as aulas que ministrará do tema. Como também pode ser culpado de “[...] ‘monodocência’, isto é, de ensinar sempre da mesma maneira, abusando do emprego de um mesmo recurso visual, utilizando-o mais como uma ajuda para o professor que como uma ajuda para os alunos”. (BORDENAVE; PEREIRA, 2010, p. 204)

Com o manejo de sala citado, não há participação ativa dos alunos nas aulas do professor Alfredo. É preciso atentar a escolha e ao uso do recurso, pois através destes o professor “[...] pode manipular os meios multissensoriais para implantar na mente dos alunos sua própria forma de perceber a realidade. Resultado: a morte lenta da criatividade e da originalidade”. (BORDENAVE; PEREIRA, 2010, p. 204)

Mesmo que o professor não deseje a ‘massificação’ do aluno, o problema é que, ao utilizar os meios multissensoriais apenas como instrumentos de *mera transmissão de informação* ele esquece que também podem servir como agentes de problematização e de raciocínio crítico. (BORDENAVE; PEREIRA, 2010, p. 204)

Saberes, práticas pedagógicas precisam sempre serem estudadas e refletidas. Estas são ações norteadoras para a prática docente. O que deu certo em uma turma, não necessariamente terá o mesmo sucesso em outra, assim é necessário redefinir as ações. “O professor que fala em voz muito baixa, ou escreve no quadro-negro com pouca pressão no giz, ou faz as letras muito pequenas, não alcança a intensidade necessária para estimular o ouvido ou a vista dos alunos situados depois das primeiras fileiras”. (BORDENAVE; PEREIRA, 2010, p. 206)

-Um estímulo pode inibir ou insensibilizar a percepção do outro. Ex.: quando o professor mostra *slides* e ao mesmo tempo explica, alguns alunos concentrados no que estão vendo não escutam a explanação. Um aluno que recebe a luz da janela refletida no quadro-negro deixa de ver o que está escrito neste. (BORDENAVE; PEREIRA, 2010, p. 206, grifo do autor)

Segundo Bordenave e Pereira (2010, p. 209) os meios multissensoriais podem “[...] ser classificados de acordo com diversos critérios, tais como se são ou não projetáveis, se são puramente pictoriais ou também contêm legendas e outros, [...]”. Possuem algumas funções para facilitar a aprendizagem, sendo elas: facilitar o reconhecimento e a descrição dos objetos; facilitar a comparação entre dois ou mais objetos identificando semelhanças e diferenças; mostrar a relação entre as partes de um todo; descrever o funcionamento de processos, inclusive as etapas ou os passos sucessivos; apresentar situações complexas para análise; e por fim os meios multissensoriais não têm somente a função cognitiva, mas também podem aplicar-se ao domínio afetivo.

Bordenave e Pereira (2010) relatam uma síntese que Rossin faz em seu livro “Tecnologia do ensino agrícola” de princípios que deveriam governar o uso de meios multissensoriais. Rossin associa negativamente a cada princípio um ‘complexo’ do professor sendo pertinente abordar dois destes:

[...] complexo de *bicho preguiça*

‘O objetivo da tecnologia do ensino, [...], uso de meios multissensoriais, não é o de fazer o professor descansar’.

Exemplo: o professor que faz sua aula ditando trechos do livro-texto; o que usa o álbum seriado como roteiro de aula; o que abusa dos filmes e *slides*; o que descansa na apostila.

[...] complexo *esclerosante*

‘Deve sempre colocar-se em questão um programa, por mais bem elaborado que seja’.

Comentário: quando um professor investiu tempo e dinheiro na cuidadosa preparação de uma série de *slides*, por exemplo, é difícil que ele aceite modificar sua série para atender às críticas de colegas ou alunos. Poucos são os professores que põem em questão seus métodos e materiais de ensino. Mas isto leva a uma certa mediocridade e uma estagnação intelectual. (BORDENAVE; PEREIRA, 2010, p. 211, grifo do autor)

Portanto, a tecnologia e/ou outros recursos devem ser usados a favor do ensino e da aprendizagem, quando estes se fizerem necessários. O mesmo ocorre com o planejamento de aulas, este deve ser a todo o momento questionado e revisto, pois os alunos são diferentes assim como as turmas, além da teoria ser dinâmica e também sofrer alterações. Como já pontuado acima, ministrar aulas não possui receita de bolo, sendo única, que deve ser seguida a risca.

## 5 MATERIAL E MÉTODO

No mês de maio de dois mil e quinze foi realizada pesquisa de campo em uma escola de formação técnica de nível médio, a qual atenderá pelo nome de S.N.C cursos profissionalizantes.

Marconi e Lakatos (2010, p. 69) definem pesquisa de campo como aquela que “[...] utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”.

Esta escola conta com dezenove docentes, sendo todos bachareis. Para que possam ministrar aulas, conforme determina a lei, possuem autorização para lecionarem determinada disciplina, de acordo com sua área específica.

Para embasamento “as fases da pesquisa de campo requerem, em primeiro lugar, a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão”. (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 69) A pesquisa bibliográfica

[...], abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas quer gravadas. (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 57)

A pesquisa de campo divide-se em três grandes grupos, sendo do tipo quantitativo-descritivas, exploratórias e experimentais (TRIPODI, 1975 apud MARCONI; LAKATOS, 2010).

Para esta pesquisa, o tipo de pesquisa de campo utilizada é quantitativo-descritiva que segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 70)

consistem em investigações de pesquisa empírica cuja principal finalidade é o delineamento ou análise das características de fatos ou fenômenos, a avaliação de programas, ou isolamento de variáveis principais ou chave. Qualquer um desses estudos pode utilizar métodos formais, que se aproximam dos projetos experimentais, caracterizados pela precisão e controle estatísticos, com a finalidade de fornecer dados para a verificação de hipóteses. Todos eles empregam artifícios quantitativos tendo por objetivo a coleta sistemática de dados sobre populações, programas, ou amostras de populações e programas. Utilizam várias técnicas como entrevistas, questionários, formulários etc. e empregam procedimentos de amostragem.



Tal pesquisa teve como público-alvo docentes não licenciados, sendo a formação destes em bacharelado ou curso técnico de uma área específica.

A instituição atende cursos de modalidade de nível técnico e formação inicial e continuada sendo ofertados os cursos, por exemplo, de “Técnico em Enfermagem”, “Técnico em Administração”, “Auxiliar Financeiro”, “A Arte de Falar em Público” e outros.

A pesquisa ocorreu através do preenchimento de um questionário, sendo este “[...] um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 86) abordando perguntas abertas e fechadas.

### **5.1 Resultado e discussão**

Foi disponibilizado e solicitado o preenchimento do questionário aos dezenove docentes, porém somente dez devolveram dentro do prazo estipulado.

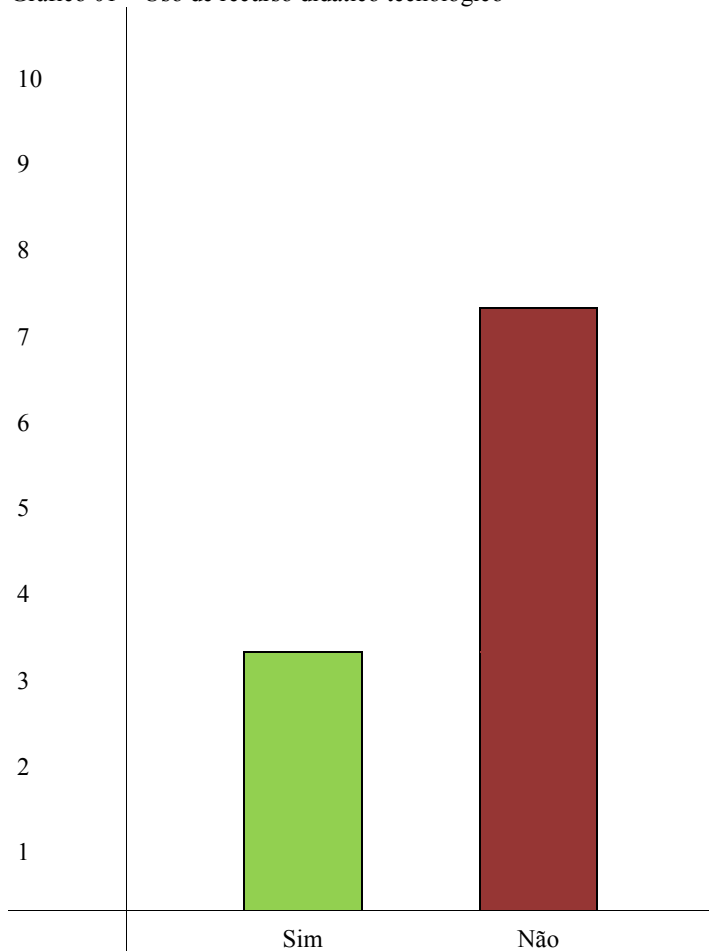
Mediante as respostas analisadas, pode-se observar que uma aula efetiva para concretizar o processo de ensino e aprendizagem necessita tirar o aluno da posição de inércia fazendo com que ele seja participativo do processo. O professor aborda o conteúdo e o aluno o capta utilizando-o por toda a vida. Além de um bom planejamento, boa coordenação auxiliando no desenvolvimento das competências atribuídas, primeiramente ao docente para desenvolver estas nos alunos, e execução do professor alcançando o conhecimento necessário. Outro ponto para a efetivação de uma aula é a interação educador-educando, havendo compartilhamento de conhecimentos e vivências. Por fim, estes complementam que uma aula efetiva é aquela em que o aluno traz uma ideia para a sala de aula e leva para casa uma nova ideia, revista, ampliada e aperfeiçoada.

Os pareceres mencionados condizem com o embasamento teórico pesquisado. Pontos chaves foram levantados, abordam que o docente precisa, de alguma forma, incomodar o aluno para que ele “saia” de sua posição inicial e adquira novos conhecimentos. Esses saberes, desses docentes, provavelmente são oriundos do “fazer profissional” conforme relata Gonçalves ([2002 ?], p. 217) “[...] a eficiência deles aumenta à medida que desenvolvem uma atitude de abertura perante o novo, buscando atualizar-se e pesquisar novas ideias e soluções para os problemas ou desafios que enfrentam na prática”. Porém, também seria interessante que estes possuíssem conhecimentos teóricos para embasamentos de suas práticas, “são as teorias de educação que darão ao professor segurança na tomada de decisões no ato

pedagógico. A filosofia da educação pode lhe oferecer segurança para interpretar o homem e a vida”. (SANT’ANNA; MENEGOLLA, 1991, p. 15)

Ao questioná-los se para que uma aula seja efetiva é necessário o uso de algum recurso didático tecnológico setenta por cento dos pesquisados responderam de forma negativa conforme mostra o gráfico abaixo (gráfico 01):

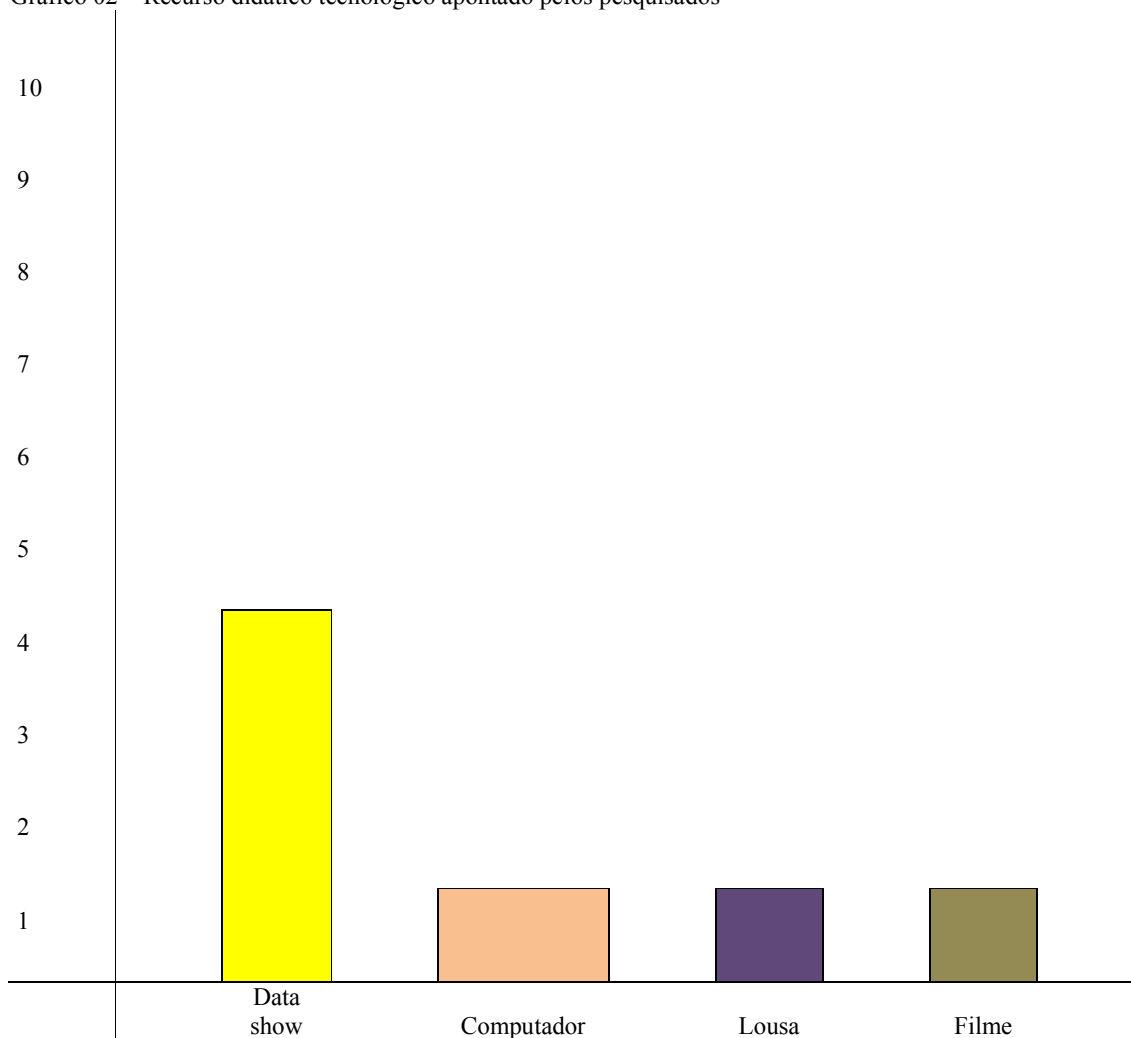
Gráfico 01 – Uso de recurso didático tecnológico



Fonte: pesquisa do autor

Porém, trinta por cento dos pesquisados informaram que para uma aula ser, de fato, efetiva, é necessário o uso de algum recurso didático tecnológico. Os itens apontados por eles seguem descritos no gráfico 02.

Gráfico 02 – Recurso didático tecnológico apontado pelos pesquisados



Fonte: pesquisa do autor

Segundo Bordenave e Pereira (2010, p. 205, grifo do autor) a eficácia de uma aula dependerá também do “[...] *comportamento docente do professor*, no sentido de que a utilização dos meios é um complemento da própria comunicação verbal”. Portanto, entende-se que existem momentos estratégicos para a utilização dos recursos tecnológicos e não em todo o momento.

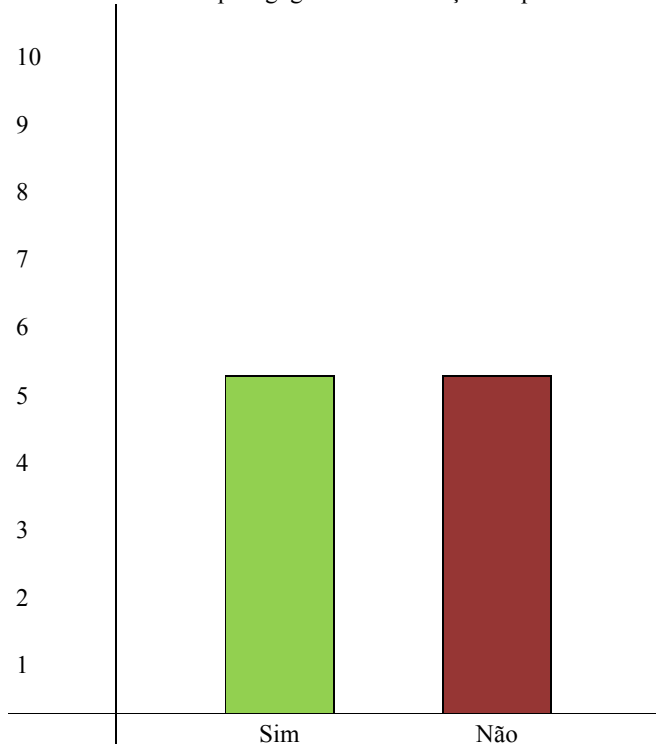
De acordo com a pesquisa, os docentes entendem por ensino-aprendizagem o ato de fazer com que o aluno entenda o recado que foi passado, sendo necessário, em primeiro momento aprender para depois ensinar. É tarefa do professor mediar as informações, dessa forma, construir o conhecimento junto com os discentes. Ensino-aprendizagem é fazer pensar, estimular para a identificação e resolução de problemas, é mediar novos pensamentos e ações. A aprendizagem é dinâmica e ativa, portanto os alunos não são simples receptores, mas sim processadores ativos de informação. É necessário o reconhecimento do outro em toda sua

complexidade, em suas esferas biológicas, sociais, culturais, afetivas, linguísticas entre outras. A aprendizagem acontece quando conhecimentos prévios são valorizados e também o despertar para novos conhecimentos, sendo composta de quatro elementos: o professor, o aluno, o conteúdo e as variáveis ambientais (características da escola). É um processo no qual, tem que haver a participação do facilitador (professor) e do aluno. Não é o professor chegar em sala e “despejar” conteúdos tem que haver cumplicidade aluno/professor. Ensino-aprendizagem também se resume na palavra troca. O professor vira um amplificador do conhecimento, das ideias e, para tanto, deve despertar a curiosidade do aluno.

Ensino-aprendizagem são pontos indissociáveis e saberes necessários a todos os docentes. Lima (1973 apud BORDENAVE; PEREIRA, 2010, p. 23, grifo do autor) afirma que “*o professor não ensina: ajuda o aluno a aprender*”, portanto o docente é um facilitador de todo o processo.

A pesquisa aponta que cinquenta por cento dos pesquisados, acreditam ser possível o desempenho de uma boa prática pedagógica utilizando pouco recurso e os outros cinquenta por cento acreditam não ser possível (informações expostas no gráfico 03).

Gráfico 03 – Prática pedagógica com utilização de pouco recurso



Fonte: pesquisa do autor

Quando questionado o porquê, a justificativa dos que entendem que é possível informam que exige maior criatividade e esforço. O ensino e a aprendizagem são dinâmicos e existem várias metodologias que podem ser aplicadas; aulas diversificadas e significativas que despertem interesse nos alunos como seminários, encenações, trabalho em grupo, estudo de caso, trabalhar sua capacidade cognitiva, etc. Zabala (1998, p. 90) aborda que há uma

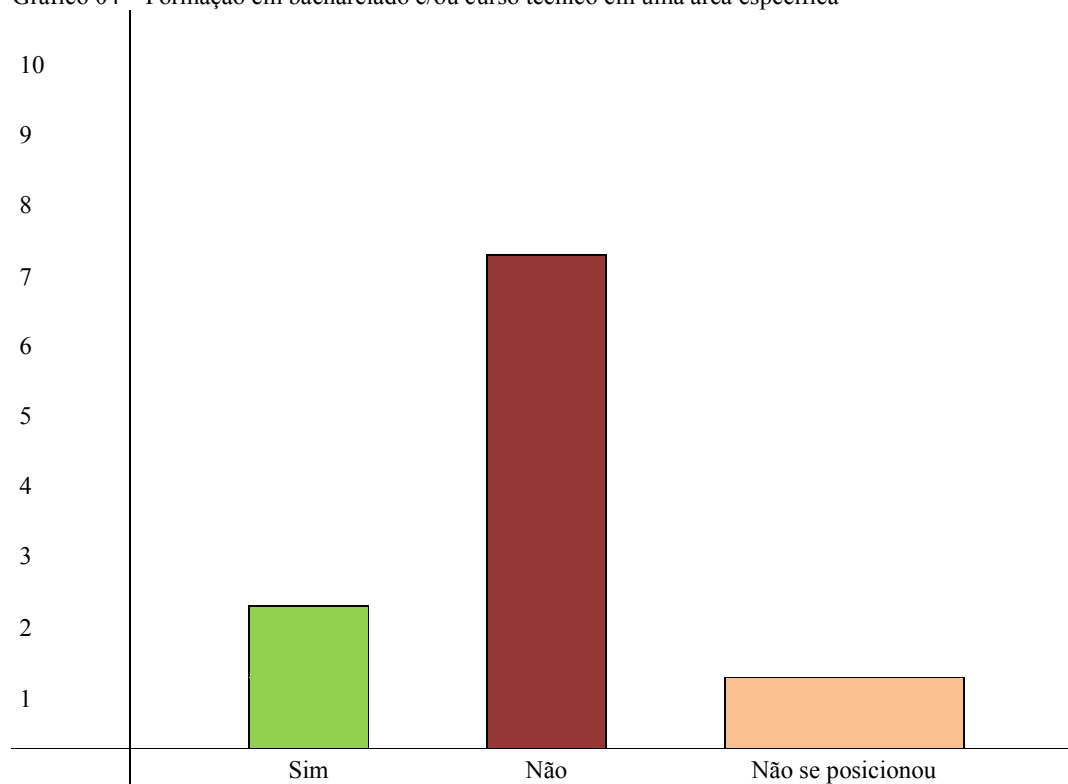
[...] diversidade de estratégias que os professores podem utilizar na estruturação das intenções educacionais com seus alunos. Desde uma posição de intermediário entre o aluno e a cultura, a atenção à diversidade dos alunos e das situações necessitará, às vezes, desafiar; às vezes, dirigir; outras vezes, propor, comparar. Porque os meninos e as meninas, e as situações em que têm que aprender, são diferentes.

Complementa que quando há o planejamento de um conteúdo sempre se faz necessário “transmitir” através de novos métodos e técnicas pedagógicas. É preciso destreza e desenvoltura na prática de qualquer que seja o trabalho e também não é dispensável o auxílio de bons recursos. As práticas pedagógicas perpassam vários recursos. A aula expositiva, o mais comum e antigo deles, pode ser bem explorada e agradar qualquer tipo de aluno.

Já os que entendem que não é possível possuem a justificativa de que quando se é utilizado pouco recurso em uma prática, ela não é interessante para o aluno, fica uma prática pobre. Todo recurso que acrescente no aprendizado deve ser utilizado. Além disto, os alunos não têm condições de realizar práticas, que na maioria das vezes, são fundamentais para sua formação. Pois nos tempos atuais é fundamental que o professor tenha acesso aos novos recursos tecnológicos para desenvolver uma boa prática pedagógica. O processo de ensino deve ultrapassar fronteiras culturais, espirituais e emocionais.

Setenta por cento dos pesquisados expõem que somente com formação em bacharelado e/ou curso técnico em uma área específica não é o suficiente para desempenhar bem uma prática pedagógica (gráfico 04):

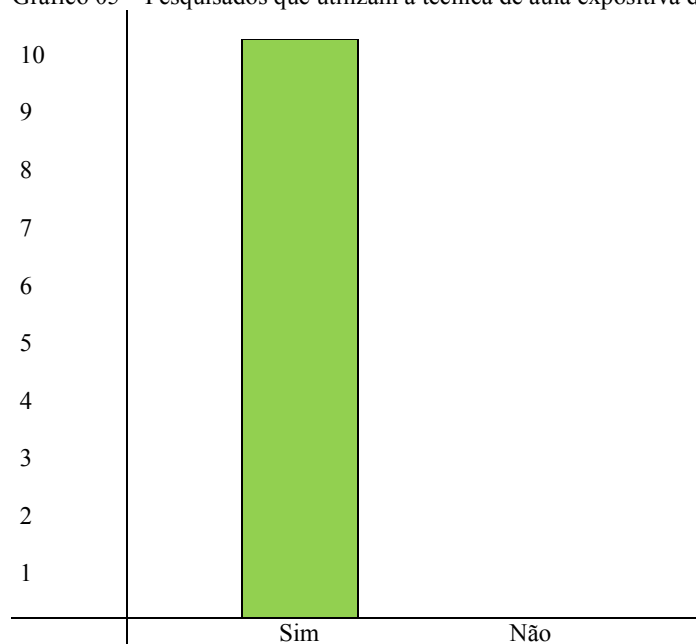
Gráfico 04 – Formação em bacharelado e/ou curso técnico em uma área específica



Fonte: pesquisa do autor

Todos pesquisados informaram que utilizam a técnica de aula expositiva dialogada, conforme o gráfico 05:

Gráfico 05 – Pesquisados que utilizam a técnica de aula expositiva dialogada



Fonte: pesquisa do autor

A técnica de ensino da aula expositiva é a “[...] mais antiga e difundida na educação [...]. É possível dizer que ela se constitui na forma de ensino mais utilizada e que as alternativas a esta [...] têm sido usadas mais para complementá-la [...]”. (GODOY, 2003, p. 75)

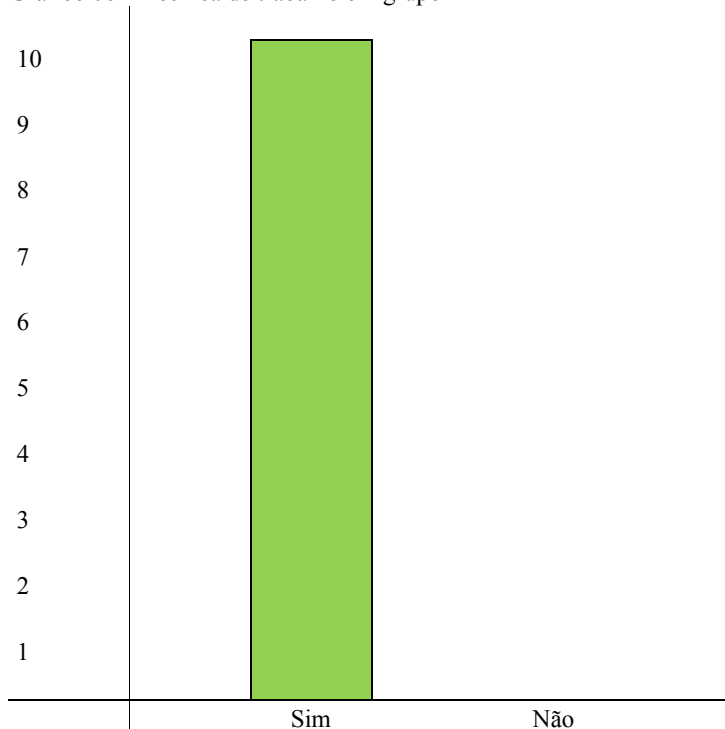
Os professores a utilizam das seguintes maneiras:

- Conceitos, exemplos são passados utilizando o data show para exposição de slides, utilização de quadro, como também leitura de apostilas;
- O conteúdo do slide é discutido com os alunos através de questionamentos, críticas, discussões e reflexões, onde o conhecimento passa a ser sintetizado por todos. É necessário deixar um espaço para os alunos exporem suas dúvidas, perguntas e curiosidades, mesmo interrompendo a exposição, isso gera um maior interesse na turma;
- Contando com um ambiente mais receptivo (carteiras / cadeiras em círculo). Com a inserção de recursos, de modo que consiga atrair os alunos para o conteúdo, proporcionando uma aprendizagem mais satisfatória;

Cem por cento dos pesquisados entendem a técnica de trabalho em grupo como contribuinte para que uma aula seja mais proveitosa (gráfico 06). De fato, esta técnica é somativa ao processo. Haidt (1980 apud HAIDT, 2002, p. 183) afirma que

[...], o trabalho de equipe desempenha uma função importante, criando oportunidade para o diálogo e a troca de ideias e informações. Ao participar dessa troca de experiências possibilitada [...], o indivíduo precisa organizar seu pensamento a fim de exprimir suas ideias de forma a serem compreendidas por todos.

Gráfico 06 – Técnica de trabalho em grupo



Fonte: pesquisa do autor

Quando questionados sobre a relação professor-aluno, os pesquisados informam que procuram desenvolver uma relação de parceria, de companheirismo, de cumplicidade, pois desta forma há uma aproximação harmoniosa que propicia um clima agradável e facilita o desenvolvimento dos conteúdos, além de uma abertura constante para a exposição de ideias e dúvidas já que eles sentem uma maior liberdade de participar efetivamente das aulas. O bom relacionamento é peça fundamental para o aprendizado. Confiança e ajuda mutua são indispensáveis. O relacionamento interfere diretamente no comprometimento e dedicação ao curso.

As relações no processo de aprendizagem é aspecto crucial a ser discutido, merecendo grande atenção, afinal, “no processo de construção do conhecimento, o valor pedagógico da interação humana é ainda mais evidente, pois é por intermédio da relação professor-aluno e da relação aluno-aluno que o conhecimento vai sendo coletivamente construído”. (HAIDT, 2002, p. 57)

Quanto ao planejamento de aulas de uma disciplina já ministrada anteriormente, os mesmos pontuam que sempre pesquisam e atualizam suas aulas já planejadas reorganizando os conteúdos, pois com o passar do tempo ocorrem muitas mudanças, assim não correm o risco de deixar de passar algum conteúdo importante para os alunos ou passar algo que está obsoleto.

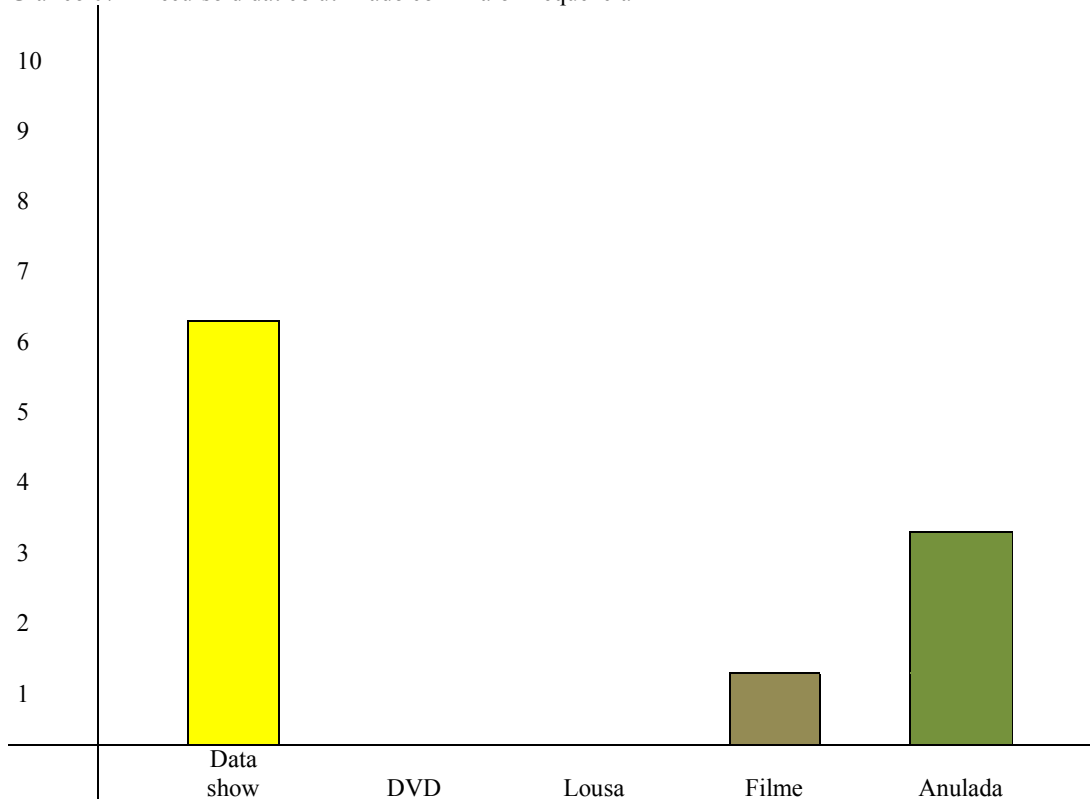


Sempre é necessário acrescentar, só assim o ensino será de forma motivadora. Os professores precisam inovar, a disciplina pode ser igual, mas a forma de lecionar deve ser sempre ser inovadora.

O ato de planejar deve ser tarefa constante do docente, visto que a educação não é neutra, sofrendo progressivas transformações e modificações. Mesmo que um planejamento tenha sido muito bem elaborado, este precisa ser planejado novamente, pois o momento é outro, e os alunos também são outros. As aulas não são previstas de forma infalível. O que antes deu certo, pode ser que não dê mais.

Recurso didático utilizado com maior frequência (gráfico 07):

Gráfico 07 – Recurso didático utilizado com maior frequência



Fonte: pesquisa do autor

Conforme pesquisa, o data show é o recurso utilizado com maior frequência pelos pesquisados. Este é um recurso de efeitos benéficos quando utilizado em momento certo, mas é preciso tomar todo o cuidado para que não haja a “monodocência” mencionada no referencial teórico. Não é interessante, nem proveitoso, ensinar sempre da mesma maneira.

## 6 CONCLUSÃO

Ao realizar todo estudo para esta monografia, notou-se que o tema saberes pedagógicos é extremamente amplo, perpassando quanto métodos e técnicas de como ministrar uma aula de forma mais efetiva chegando de fato aos objetivos propostos, também maneiras de como o professor deve se portar em sala de aula acarretando na disciplina ou indisciplina da turma. O porquê avaliar e como fazê-lo. Visualizar o aluno como ser integral e não somente como alguém racional.

É sabido que o ser humano também é emoção, sentimentos, portanto seu estado emocional influencia em todo o processo de ensino-aprendizagem.

Dentre outros diversos pontos interessantíssimos e cruciais que devem fazer parte dos conhecimentos de um bom professor em formação, digo “em formação”, por nunca estarmos prontos e acabados. Constantemente precisamos descobrir novas formas de agir para despertar em nossos alunos o interesse em aprender e em como realizar esta tarefa sempre da melhor maneira possível.

Como resultado desta pesquisa entende-se que há muitos métodos e técnicas para facilitar a aprendizagem, mas nenhum método é infalível ou eficaz. O que existe é buscar o que melhor promove o conhecimento nos educandos.

Muitos professores necessitam, a todo custo, do auxílio de um audiovisual para ministrar aula, como se sem o uso deste não houvesse outra forma de compartilhar conhecimentos. Este é apenas mais um recurso para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, e não ferramenta que visa escravizar docentes e alunos. A impressão que fica em relação a este é que quando chegam à instituição que ministram aulas e descobrem que este recurso não será disponível ou está com problemas ocorre algum bloqueio e “enlouquecem” questionando que não há possibilidade de ministrar sua aula planejada. Vale ressaltar que o uso de um simples data show não é suficiente, a aula para ser efetiva e atingir os objetivos propostos depende em grande parte da maneira que o professor aborda o assunto, se o domina, como se porta em sala e a mentalidade que eles tem é totalmente avessa. Este recurso é importante, mas por si só não surte efeito algum.

Partindo do embasamento teórico consultado para esta pesquisa, ficou claro que uma aula expositiva dialogada possui toda uma técnica para ser utilizada e não simples despejo de conteúdos na “cabeça” dos alunos. Existe o momento certo para utilização desta técnica, além de tempo para abordá-la.

A pesquisa de campo contribuiu para a consolidação dos questionamentos que se faz sobre os estudos de saberes pedagógicos para docentes não licenciados. Infelizmente não é disciplina obrigatória para cursos de bacharelado nem exigência de muitas instituições para que estes profissionais ministrem aulas. Assim, cabe a cada profissional não licenciado dedicar-se ao seu aprimoramento profissional.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2005. p. 107-108.

BORDENAVE, Juan Díaz; PEREIRA, Adair Martins. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 203-219.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília: MEC, 1996. p.1.

BRUZZI, Demerval. **Apresentações estratégicas: métodos e técnicas de ensino sobre treinamentos e capacitações**. São Paulo: Avercamp, 2008. p. 19-25.

CASTRO, Amelia Domingues de. O ensino: objeto da didática. In: CASTRO, Amelia Domingues de; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (Org.). **Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média**. São Paulo: Cengage Learning, 2001. cap. 1, p. 13-31.

CATANI, Denice Barbara. A didática como iniciação: uma alternativa no processo de formação de professores. In: CASTRO, Amelia Domingues de; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (Org.). **Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média**. São Paulo: Cengage Learning, 2001. cap. 3, p. 53-62.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 7. ed. Curitiba: Positivo, 2010. p. 334; 358; 440.

GODOY, Arilda Schmidt. Revendo a aula expositiva. In: MOREIRA, Daniel Augusto (Org.). **Didática do ensino superior: técnicas e tendências**. São Paulo: Pioneira Educação, 2003. p. 75-80.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. Pesquisa, formulação de problemas e saber docente. In: GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. **Definição de um problema de pesquisa pedagógica**. [S.l.: s.n., 2002?]. p. 210-220.

HAIDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de Didática Geral**. São Paulo: Ática, 2002. p. 29-32; 55-93; 143-155; 182-183; 195-196.

KENSKI, Vani Moreira. O papel do professor na sociedade digital. In: CASTRO, Amelia Domingues de; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (Org.). **Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média**. São Paulo: Cengage Learning, 2001. cap. 5, p. 95-102.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1993. p. 15-29; 51-63; 70-74; 249-253.

LUFT, Lya. **A educação possível**. 2007. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/230507/ponto\\_de\\_vista.shtml](http://veja.abril.com.br/230507/ponto_de_vista.shtml)>. Acesso em: 22 fev. 2015.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2010. p. 57; 69-70; 86.

MARTINS, Pura Lúcia Oliver. **Didática teórica didática prática: para além do confronto**. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2008. p. 48-54.

MARTINS, Pura Lúcia Oliver. **Didática**. Curitiba: Ibpx, 2009. p. 62-64.

SANT'ANNA, Ilza Martins; MENEGOLLA, Maximiliano. **Didática: aprender a ensinar**. São Paulo: Loyola, 1991. p. 11-38; 117-124.

SANTOS, Bárbara Ferreira. **67, 5% dos docentes do fundamental não têm habilitação na área em que dão aula**. 2014. Disponível em:

<<http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,67-5-dos-docentes-do-fundamental-nao-tem-habilitacao-na-area-em-que-dao-aula,1157521>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 13-24; 89-108.

**APÊNDICE A – Questionário**

Caro professor (a),

A aluna Valquiria de Souza Oliveira, estudante do curso de Pedagogia do Centro Universitário do Sul de Minas – Unis/MG solicita o preenchimento desta ficha para compor uma pesquisa de campo que será exposta em sua monografia.

Grata.

- 1) O que é uma aula efetiva para você?

---

---

---

---

---

- 2) Para que uma aula seja efetiva, é necessário o uso de algum recurso didático tecnológico? Se sim, quais você mais usa?

Sim       Não

---

---

---

---

---

- 3) Qual seu entendimento de ensino-aprendizagem?

---

---

---

---

---

4) Com qual frequência você planeja suas aulas?

---

---

---

---

---

5) É possível desempenhar uma boa prática pedagógica utilizando pouco recurso? Por quê?

Sim       Não

---

---

---

---

---

6) Somente com o bacharelado na sua área de formação é suficiente para desempenhar bem uma prática pedagógica?

Sim       Não

7) Você utiliza a técnica de aula expositiva dialogada?

Sim       Não

8) A técnica de trabalho em grupo contribui para que a aula seja mais proveitosa?

Sim       Não

9) Como é a sua relação com seus alunos? Você a considera importante para o desenvolvimento dos conteúdos?

---

---

---

---

---

10) Quando lhe é dada novamente a oportunidade de ministrar uma mesma disciplina de anos anteriores você planeja novamente suas aulas ou utiliza as que já tem? Por quê?

---

---

---

---

---

11) Qual recurso didático você utiliza com maior frequência?

- Data Show
- DVD
- Lousa
- Filme